



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA

Natanaeli Malito Lima Xavier

**LETRAMENTOS DIGITAIS: A FORMAÇÃO DO  
LEITOR/ESCRITOR DIGITAL ATRÁVES DO GÊNERO  
FANFICTION**

Rio de Janeiro  
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA

Natanaeli Malito Lima Xavier

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Centro de Letras e Artes (CLA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos básicos necessários à obtenção do grau de licenciada em Letras Português-Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Scheffel

Rio de Janeiro  
2020

## CIP - Catalogação na Publicação

XN2271      Xavier, Natanaeli Malito Lima  
LETRAMENTOS DIGITAIS: A FORMAÇÃO DO  
LEITOR/ESCRITOR DIGITAL ATRÁVES DO GÊNERO  
FANFICTION / Natanaeli Malito Lima Xavier. --  
Rio de Janeiro, 2020.      34 f.

Orientador: Marcos Vinicius Scheffel.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Faculdade de Letras, Bacharel em Letras:  
Português Literaturas, 2020.

1. Fanfiction. 2. Letramentos digitais. 3.  
Internet. 4. Sites. I. Scheffel, Marcos Vinicius,  
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA

Natanaeli Malito Lima Xavier  
**113146727**

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Centro de Letras e Artes (CLA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos básicos necessários à obtenção do grau de licenciatura em Letras Português-Literaturas.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcos Vinicius Scheffel (UFRJ)

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Leitor Crítico: \_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

MÉDIA FINAL: \_\_\_\_\_

Assinatura dos avaliadores:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

“O texto vive uma pluralidade de existências. A eletrônica é apenas uma dentre elas.”

(Roger Chartier – A aventura do livro: Do leitor ao navegador)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus por ter me sustentado até aqui, pois sem Ele eu não estaria vivendo esse momento. Ele é o meu tudo, o ar que eu respiro e quem me dá forças todos os dias para prosseguir.

Em segundo lugar, a minha família. Aos meus pais e irmã, por serem minha base e estrutura durante esses quase sete anos de faculdade. Obrigada pelo apoio e por me ajudarem desde sempre.

Também quero agradecer aos meus colegas escritores, pois vocês foram fundamentais para que eu conseguisse escrever essa monografia. Mesmo não os conhecendo pessoalmente, nós rimos, choramos, nos irritamos com cada capítulo escrito, lido e comentado, ainda que algumas histórias tenham ficado incompletas, vocês sempre foram fiéis e confiaram no meu trabalho, assim como eu no de vocês. Meus sinceros agradecimentos.

Ao meu orientador, pelas sugestões, feedbacks, por se preocupar com cada texto teórico a basear esse trabalho, por ser um professor humano, que sempre faz questão de que tudo saia o melhor possível. E principalmente: por aceitar me orientar, e comprar a ideia de que eu escrevesse sobre fanfics.

O caminho foi longo, não foi fácil. Com muitos percalços, emoções à flor da pele, indagações sobre se eu seria capaz de escrever essa monografia. Porém graças a Deus cheguei até aqui, com muito orgulho e emoção no meu coração. Então meu muito obrigada a todos os que acreditaram em mim, e me deram forças para prosseguir.

## RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir sobre as possibilidades de trabalho com gêneros alternativos a que a escola oferece, debatendo sobre o que os estudantes produzem fora da sala de aula. Para isso partiremos do gênero *fanfiction*, escrita que se tornou bastante popular nos últimos anos, mas cuja origem é ainda mais antiga do que se imagina. Jovens e adolescentes se reúnem em plataformas online, como *Wattpad* e *Spirit fanfics*, para compartilhar suas histórias baseadas em ficções já existentes, sejam elas famosas ou não. Abordaremos o gênero a partir do ponto de vista social, com base em autores como Daniel Cassany (2010) e Roxane Rojo (2009). Apontar as vantagens de se trazer esse estudo para a sala de aula, em como isso pode aproximar o estudante das aulas de português-literaturas de forma agradável. Em apontar também essa prática como útil e valorizada na escola, e como esse gênero serve como ponte entre pessoas com a mesma paixão.

Palavras-chave: *fanfic*; produção textual; letramentos digitais

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	Pág. 8
2. PRÁTICAS DE LETRAMENTO .....	Pág. 9
2.1 Letramento dominante .....	Pág. 10
2.2 Letramento vernacular .....	Pág. 12
2.2.1 Letramento digital .....	Pág. 13
3. FANFICTION .....	Pág. 16
4. LETRAMENTO DIGITAL E A ESCOLA .....	Pág. 24
5. CONCLUSÃO .....	Pág. 29
6. BIBLIOGRAFIA .....	Pág. 31





## INTRODUÇÃO

Ao pensar em práticas de letramento, nos deparamos com uma série de questões que permeiam nossa sociedade, em especial no espaço escolar. Uma delas é que tipo de ensino de escrita é ensinado nas escolas. Luiz Percival Leme Britto, no artigo “Em terras de surdos mudos”, trata justamente do fato de a redação escolar ser algo que mexe com os ânimos de todos. Isso porque existe algumas problemáticas dessa prática, que provoca atrito entre professor e aluno, já que enquanto o docente por vezes acha que o aluno não sabe escrever, ou que não lê, o estudante preocupa-se com o que acredita ser a expectativa do professor e da escola. A solução encontrada pelos alunos da educação básica é recorrer ao que Cláudia Lemos (1977 APUD Britto p.118) vai chamar de “estratégia de preenchimento”, que é quando o aluno escreve de maneira artificial e para preencher lacunas de acordo com o que eles imaginam que agradará o professor ou a escola. Quer dizer, temos uma forma de comunicação que se afasta dos usos sociais da escrita e da leitura, criando um texto que só serve para mensurar se o aluno internalizou ou não o jogo escolar.

Ao adentrarmos, contudo, no universo do estudante do ensino fundamental e médio na contemporaneidade, veremos que existe uma gama de possibilidades, mais dialógicas aos contextos dos estudantes e capazes de atrair esse adolescente de maneira competente. Daniel Cassany, professor e pesquisador de análise do discurso da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona, na Espanha, afirma que:

Meninos e meninas começam a ler e escrever por conta própria. Eles fazem isso fora da escola, biblioteca ou centro cívico; além de concursos literários ou de outras instituições oficiais. Eles geralmente partem de gêneros literários estabelecidos por autores reconhecidos, cânones literários e catálogos de Editores. Eles usam os recursos linguísticos que aprenderam na rua e que usam no dia a dia, que nem sempre seguem as convenções estabelecidas, o currículo escolar ou o regulamento padrão. (Cassany 2010 – minha tradução, p. 497)

Com isso concluímos que não só esses jovens escrevem, como o fazem sem precisar necessariamente da escola. O conhecimento prévio que eles carregam é o suficiente para produzirem seus próprios textos, de maneira livre e espontânea. E não apenas produzem, eles se socializam, unindo de forma eficiente a leitura, escrita e interação social com outros indivíduos que compartilham do mesmo gosto. É desse ponto que partiremos para o desenvolvimento desse trabalho, em que analisaremos

mais a fundo as práticas de letramento, com foco no gênero *fanfiction*, muito popular entre os adolescentes e jovens em geral, e que não à toa conquistou uma legião de leitores e escritores fiéis. Mas antes disso, é preciso falarmos sobre as práticas de letramento e sua importância para entendermos melhor como funciona a língua na prática, e onde a fanfic se encaixa nessa abordagem.

## 2. PRÁTICAS DE LETRAMENTO

As práticas de letramento consistem em conjuntos de usos linguísticos de cunho exclusivamente social. Não deve ser confundido com alfabetismo, como distingue bem Roxane Rojo (2009):

(...) O termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (p. 98)

Independente da camada social em que o sujeito está inserido, ele obrigatoriamente participa de alguma prática de letramento. Então isso significa que mesmo o adolescente que é tachado como quem “não sabe ler nem escrever”, na verdade escreve e lê sim, entretanto na maioria das vezes não da maneira que a escola/sociedade espera. Essa é uma realidade que ainda persiste nos dias atuais, e mesmo que já haja uma evolução significativa, ainda há o pensamento arraigado de que apenas as práticas de prestígio devem ser valorizadas, e disporem da maior parte do tempo das aulas de língua portuguesa. Contudo, sabemos que os letramentos não podem e nem devem se resumir apenas a isso, pois a escrita anda lado a lado com o social, já que quando escrevemos, inevitavelmente o fazemos para alguém. E os estudantes já têm essa noção, e, ainda que inconsciente, se valem das práticas de letramento pra se comunicarem uns com os outros, sendo a predominância no ambiente virtual, através das redes sociais.

Então fica a pergunta: o que esse aluno escreve?

Antes de responder, é necessário primeiramente entendermos dois tipos de letramentos: o dominante/institucionalizado, e o vernacular/local. Apesar de parecerem opostos em um primeiro momento, eles estão relacionados.

## 2.1 LETRAMENTOS DOMINANTES

Segundo Rojo (2009: 102), os letramentos dominantes são as práticas associadas a organizações formais, como escolas, igrejas, local de trabalho, o sistema legal, o comércio e as burocracias. Além disso são mediados por algum agente ou agentes especializados, como professores, especialistas, pesquisadores, etc.). Portanto são práticas mais valorizadas, e mais bem vistas pela sociedade.

A redação escolar é considerada uma prática dominante. Pois além de ser um gênero produzido na escola, com objetivo de preparar para vestibulares e concursos em geral, também é um exercício mediado por um professor, que é o especialista em questão. Porém há um problema: não há interlocutor. Britto (1983) afirma que a característica própria da linguagem é o caráter interlocutivo, pois serve de interação entre os seres humanos. E mais: “O monólogo não é mais do que uma situação comunicativa em que o locutor elege a si mesmo interlocutor” (p.118), ou seja, mesmo em casos em que o contexto é de uma pessoa conversando consigo mesma, há um interlocutor implícito, que é a própria pessoa que fala. E isso gera o grande problema que Britto aponta como o “falar para ninguém” típico das produções textuais escolares. A partir do momento em que não se sabe para quem se escreve, o aluno se vê perdido no momento de escrever. Porém ainda pior que isso, é a forte presença desse interlocutor, que por se tratar sempre de uma pessoa especializada no assunto, gera a tensão que faz com que muitos estudantes se sintam acuados e até mesmo se sintam obrigados a produzirem textos artificiais e mecânicos, com o único objetivo de “agradar a um leitor rígido e invisível” — quando se trata de concursos e vestibulares — (BRITTO, 1983, p. 122-123).

Retomando o que foi dito na introdução, Lemos (APUD BRITTO 1983) descreve a estratégia de preenchimento como quando o vestibulando apenas usa estratégias pré-existentes, sem nenhum tipo de reflexão sobre o assunto e apenas vai preenchendo como um grande quebra cabeças. E Britto complementa dizendo que o que ocorre é apenas a transferência de regras e costumes que esse sujeito considera adequado. Contudo, o resultado nem sempre sai como o esperado, já que transforma o que deveria ser espontâneo, em algo engessado, que será aproveitado apenas por poucos, senão um leitor, e que ainda por cima levará em conta apenas a parte técnica, ignorando completamente a prática e/ou escrita em si.

Sírio Possenti (APUD Britto 1983 – p. 120) dirá que “dependendo da imagem que o locutor faz do interlocutor no momento da produção do discurso, que ele utiliza um ou outro mecanismo coesivo [...]. indiretamente, é a imagem do interlocutor que comanda a decisão”. Se a imagem do interlocutor for de uma pessoa carrasca, exigente e detentora do saber, o aluno irá moldar sua redação de acordo com esse tipo de leitor. No fim das contas, o que predomina é uma linguagem “estilisticamente” correta, cujo valor social é privilegiado e enaltecido em detrimento do outro tipo de linguagem. E isso faz com que a produção textual seja artificial, onde o papel é um espaço que serve apenas para entulhar palavras e orações sem sentido e que não quer dizer nada nem para quem lê, e menos ainda para quem escreve. Pois acaba que o importante não é simplesmente dizer, e sim mostrar que sabe como dizer, mesmo que isso seja resultado de memorização de frases prontas e estruturas que garantirá um resultado satisfatório para o avaliado. Porém nem sempre isso funciona, pois mesmo que haja “cópias”, é necessário saber como fazê-lo, do contrário a tentativa torna-se em vão.

Tais problemas, apontados por estes pesquisadores no início dos anos 80, estão longe de ser algo antigo, que ficou no passado. O SAEB (Sistema de avaliação de educação básica), que avalia os níveis de conhecimento em língua portuguesa e matemática de alunos do ensino fundamental e médio, das redes pública e privada, do último ano de cada ciclo, ao divulgar o resultado da prova de 2017, revelou um dado alarmante: apenas 1,6% dos alunos do ensino médio demonstraram níveis de aprendizagem considerados adequados em Língua Portuguesa<sup>1</sup>. Apesar de se tratar de alunos no terceiro ano do ensino médio, e possíveis vestibulandos, poucos foram julgados capazes de dominar a língua materna adequadamente. E as consequências são sempre as mesmas: frustração por parte dos docentes, cobrança da sociedade à escola, que, por sua vez, se sente acuada a fazer o possível e o impossível para melhorar esse quadro, recorrendo a uma maratona de produções escritas exclusivamente técnicas, dissertativas-argumentativas, que objetivam apenas melhorar o índice de desempenho em provas e avaliações.

Isso não significa que não seja importante que o aluno conheça e domine essas práticas, mas que também possa-se olhar além destas, pois os letramentos são

---

<sup>1</sup> Disponível em: >>[http://portal.inep.gov.br/artigo//asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/saeb-2017-revela-que-apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo//asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/saeb-2017-revela-que-apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206)<<. Acesso em: 26 out. 2020.

práticas sociais, isto é, não dá pra desassociar a prática da escrita da sociedade, de pessoas que, mesmo não conhecendo a norma culta, ou não tenham a dominância plena do que é considerado de prestígio, são capazes de se comunicarem de forma eficaz, independente da língua de origem. E isso é graças aos letramentos vernaculares, que veremos a seguir.

## 2.2 LETRAMENTOS VERNACULARES

Ao falar dos letramentos vernaculares Rojo (2008, p. 102) afirma que são:

letramentos não regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas tem sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais. Como, frequentemente são desvalorizadas ou desprezados pela oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência. (p. 118)

São práticas relacionadas a experiências. Vivências que vão além dos muros da escola, são práticas de vida, que o indivíduo traz consigo conforme as vai adquirindo. Muitas vezes é um conhecimento desprezado pela escola. O não reconhecimento da pluralidade de práticas sociais de escrita e de leitura é uma questão problemática, pois ao ignorarmos isso, estaremos ignorando também pessoas, culturas, costumes e saberes.

Considerando que as práticas de letramento estão intimamente ligadas ao tempo e à cultura de uma sociedade, a prática vernacular se torna a mais próxima desse enfoque ideológico, que, segundo Street (1993:7 APUD Rojo 2008:99) “vê as práticas de letramento como indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos”. As práticas são múltiplas, significando assim que independentemente de gênero, raça, cor ou língua, podemos praticar o letramento. O vernacular (ou local) em especial promove uma variedade muito maior dessas práticas, pois ela sim considera a pluralidade de gêneros, tipos e plataformas de escrita, a qual é chamada de multissemiose. Os letramentos multissemióticos abordam a união de escrita com o visual, e como elas podem andar juntas para melhor compreensão do mundo. Televisão, computador, celular, tablet e cinema são alguns dos exemplos de interação ver e escrever. A partir do momento em que a sociedade muda, as práticas mudam também. Afinal, estamos lidando com pessoas, e pessoas mudam, evoluem com o tempo, por isso a escrita sempre acompanha essas

mudanças. E os meios eletrônicos fazem parte da vida moderna, sendo quase impossível que alguém não tenha acesso a pelo menos uma das formas citadas anteriormente. É o que chamamos de letramento digital.

### 2.2.1 Letramento digital

A partir do momento em que reconhecemos que não é possível falarmos de letramento no singular, visto a variedade de práticas de letramento existentes em nossa sociedade, não só nacional, mas também mundial, existe a necessidade de tratar o assunto como tal, e pluralizar o termo: Letramentos. Street (APUD Rojo 2003: 77) endossa seu argumento:

[...] Implica o reconhecimento dos múltiplos letramentos, que variam no tempo e no espaço, mas que são também contestados nas relações de poder. Assim, os NLS não pressupõem coisa alguma como garantida em relação aos letramentos e às práticas sociais com que se associam, problematizando aquilo como letramento em qualquer tempo-espaço e interrogando-se sobre “quais letramentos” são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência (ênfase adicionada). (p. 102)

Infelizmente, nem todas as práticas de letramento são reconhecidas ou valorizadas pelas instituições de ensino, e é aí que os problemas começam. As práticas consideradas vernaculares são marginalizadas e censuradas, com a desculpa de que não representa o cânon literário, a qual deve ser reverenciado, ou como Houdart -Merót definiu muito bem, a pedagogia de admiração (2013 p.105). Não havia espaço e nem liberdade de escolha, de críticas ou opinião que não fosse o esperado pelo professor. Conseqüentemente isso influenciou e muito também na escrita, que sofre do mesmo problema, como já abordado anteriormente. E é uma problemática que vem se arrastando por anos, sendo cada década marcada por uma questão diferente. Como no início do século XX, em que a liberdade do leitor-colegial consistia em admirar de maneira correta, ou seja, compreender por que ele deve admirar, exercer a sua admiração, voluntária ou compulsoriamente, seja essa admiração ao estilo, valores morais ou até mesmo vindos do personagem ou autor. Houdart-Merót ainda afirma que:

A perspectiva de formação moral pelos modelos literários influi, é claro, sobre o corpus. Certas épocas, certos gêneros convêm melhor do que outras a essa pedagogia da admiração: o século de Descartes, que fez admiração a primeira das paixões e definiu o sublime como aquilo que eleva alma, é o século mais digno de entrar nas salas de

aula, assim como o gênero épico e o trágico são mais propícios à admiração do que o gênero romanesco, cujos personagens são com frequência anti-heróis. (p. 104)

Aqui no Brasil é o escritor Olavo Bilac, que na mesma época também relatou seu dilema escolar, ao ser proibido de ler seu autor favorito, Júlio Verne, na escola, e que ele e seus colegas precisavam lê-lo clandestinamente<sup>2</sup>. Nos anos oitenta, o vilão da vez eram os gibis, mais conhecidos como HQ's, ou as histórias em quadrinhos. Os professores Marcos Scheffel e Luiz Guilherme Barbosa, da UFRJ, relatam isso no texto intitulado *Práticas de leitura do Skoob: possíveis implicações para o ensino de literatura na escola* (no **prelo**):

Lembro que em minha época de estudante das séries iniciais nos anos 80 era totalmente vedado lermos um gibi em sala de aula e que muitos professores condenavam, por exemplo, os “erros de português” do personagem Cebolinha ou do Chico Bento. Era comum gibis serem apreendidos e os alunos serem advertidos por esta prática. Tempos depois os gibis passaram a ser bem vistos e as HQ passaram inclusive a serem indicadas (muitas vezes com práticas equivocadas de uso destes gêneros em sala de aula). Os livros didáticos também passaram a ter muitas tirinhas e a trabalhar com o gênero em algumas situações. (BARBOSA e SCHEFFEL, p. 18)

E hoje em dia? Qual seria o antagonista do ensino nos dias atuais? Considerando que com a consolidação maciça das plataformas digitais, não fica muito difícil responder a essa pergunta. Na escola, uma das regras principais dentro da sala de aula é a proibição do uso de celulares e outros equipamentos eletrônicos. Inclusive projetos de lei foram pautados para a discussão desse assunto. Um deles é datado de 2007 pelo até então deputado federal Pompeu de Mattos, do PDT/RS, que “Veda o uso de telefones celulares nas escolas públicas de todo o país; tendo parecer da Comissão de Educação e Cultura”. Existem ainda vários outros projetos com propostas semelhantes, em que o uso de celular é terminantemente proibido tanto por alunos, quanto por professores, sem contar da própria política interna das instituições de ensino que podem variar de uma para outra. A justificativa é o impacto que esse e outros equipamentos podem causar nos estudantes, e o quanto podem comprometer o desempenho destes em sala de aula, como mostra o trecho a seguir:

---

<sup>2</sup> Bilac, Olavo. Júlio verne. In \_\_\_\_\_. *Ironia e Piedade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916, p. 29-34



O presente Projeto de Lei visa assegurar a essência do ambiente escolar, onde a atenção do aluno deve estar integralmente direcionada aos estudos, na fixação do aprendizado passado pelos professores, sem que nada possa competir ou desviá-lo desse objetivo. O uso do celular no ambiente escolar compromete o desenvolvimento e a concentração dos alunos, e são preocupantes os relatos de professores e alunos de como é comum o uso do celular dentro das salas de aulas. (CÂMARA DOS DEPUTADOS PROJETO DE LEI N.º 2.246-A, DE 2007 p. 1-2)

Era nítido que, desde aquela época, os aparelhos de telefone móvel já eram parte quase que indispensável para a população brasileira, em especial nos mais jovens, e o quanto foram responsáveis por promoverem pontes entre classes, como nesse parágrafo:

Com reduzida penetração da Internet, o Brasil tornou-se, porém, ícone de sucesso no uso de outra tecnologia do mundo moderno: a telefonia móvel. Os celulares atingiram a marca de 114 milhões de unidades, com um percentual de 60 aparelhos para cada grupo de 100 indivíduos. Além o efeito prático de permitir a comunicação com mobilidade, o celular estabeleceu uma nova dimensão temporal e espacial para o ser humano, em que é possível estar “comunicável” 24 horas por dia. Coordenação de Comissões Permanentes - DECOM - P\_2697 CONFERE COM O ORIGINAL AUTENTICADO PL-2246-A/2007 5 A invasão dos aparelhos móveis derrubou barreiras sociais, com a penetração do sistema nas classes C, D e E, e também faixas etárias, sendo hoje um gênero de primeira necessidade também entre adolescentes e até mesmo crianças cujos pais desejam monitorar os passos dos filhos. Também visto como objeto de consumo, o celular, de fato, invadiu as escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas. (CÂMARA DOS DEPUTADOS PROJETO DE LEI N.º 2.246-A, DE 2007 p. 5-6)

A partir do momento em que os celulares se tornam o inimigo da escola no século XXI, entende-se o motivo pelo qual os letramentos digitais não são bem vistos por muitos professores e responsáveis. E conseqüentemente um preconceito acaba por ser gerado, que coloca o “internetês” como um erro, um desrespeito ao idioma e um vício como bem destaca Rojo. Isso vai desde conversas pelas redes sociais, até as fanfics, que é um gênero literário marginalizado e infelizmente ainda ignorado nos dias de hoje. Discorreremos um pouco sobre o gênero, e a importância desse tipo de escrita, que já arrebatou milhões de adolescentes em todo o mundo, e como a escola pode se aproveitar disso para desenvolver a prática da escrita de uma maneira diferenciada, porém proveitosa.

### 3 FANFICTION

A fanfiction ou fanfic, significa ficção de fã. É quando os admiradores de determinada obra literária/ficcional resolvem “se apropriar” de uma história já pronta, e a modificam a seu bel-prazer. Prática popular e com proporções mundiais, pode ser considerado sem dúvida um gênero literário. É um tipo de leitura e escrita democrática e que atrai grande número de adolescentes e jovens todos os dias. Livros, filmes, novelas, jogos e até mesmo desenhos animados são alguns dos exemplos de mídias que podem “sofrer” com as interferências de seus fãs, que podem adaptar a história original à sua maneira, onde as possibilidades de mudanças são infinitas, dando total liberdade criativa ao escritor de montar sua própria história, valendo-se dos personagens pré-existentes, assim como dos lugares conforme o autor assim o quiser.

A origem é incerta, porém Jenkins (1992 APUD CASSANY p.502) aponta que obras renomadas como Dom Quixote, Homero, as tragédias gregas, entre outros, já sofreram com alterações ao longo dos anos. Isso significa que o conceito primário da fanfic, que é a mudança de um ou mais elementos da história original, já existia há séculos atrás. Contudo, Cassany presume que a origem da fanfic atual como conhecemos hoje, é graças a série de filmes de *Star Trek* (1966), quando um grupo de fãs apaixonados se reuniram para compartilharem juntos seu amor pela saga, com direito a vestirem fantasias, aprenderem a língua do povo do filme, e a narrarem histórias como se fossem os próprios personagens do enredo.

Conforme os anos passaram, a tecnologia foi avançando e com isso passamos a ter acesso a computadores, e posteriormente a smartphones. Isso facilitou e muito a vida dos jovens escritores, que passaram a usar esses recursos para compartilharem suas histórias com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, e assim unindo os fãs em comum de uma obra ou pessoa no mesmo lugar, trocando ideias, opiniões e mesmo histórias entre si.

Existem algumas plataformas criadas especialmente para a divulgação de fanfics, entre elas cito duas, o *Wattpad* e a *Spirit fanfics* (figuras 1 e 2).

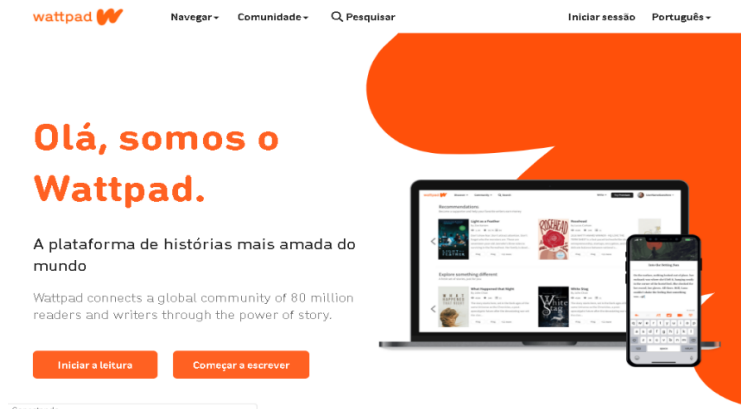


Figura 1 – Página inicial do site *Wattpad*



Figura 2 – página inicial do site *Spirit Fanfics*

Ambas são bastante populares, em especial a primeira, que não só permite que o escritor publique suas histórias como hobby, como ainda oferece oportunidades únicas, como publicar esses enredos em forma de filme ou livro físico, como já aconteceu com as tramas de *After* e *A barraca do beijo*, ambos sucessos de bilheteria.

Cada site oferece seus próprios sistemas de publicação, e também regras. A *Spirit* tem o foco voltando em grande parte para as fanfics propriamente ditas, enquanto o *Wattpad* foca mais nas histórias originais, ou seja, as criadas do zero pelos seus autores. Os termos de uso é algo a ser destacado, pois esses sites regulamentam sua utilização a fim de evitar problemas para os usuários, e manter a harmonia e o bem estar tanto do escritor quanto do leitor. As normas principais são simples: não plagiar conteúdo alheio, não promover de forma positiva e/ou incentivando qualquer tipo de assunto polêmico, tais qual: estupro, drogas, depressão,

auto mutilação, etc.; menores de treze anos não podem ter conta, sendo passível de exclusão, e colocar aviso sobre a classificação etária da história publicada.

As páginas também contam com filtros de seleção, para facilitar o uso do leitor, que poderá filtrar suas leituras por categorias, história baseada (se original ou baseada em qualquer história pré-existente) e faixa etária. Também há a informação de quantas histórias já foram promovidas em determinada categoria. Todos esses recursos indicam organização, e que há uma estrutura muito bem planejada para melhor navegação dos usuários. Apesar de tudo isso, é uma cultura pouco conhecida nas escolas, não sendo devidamente aproveitada como estratégia para estimular produções textuais mais prazerosas. Uma exceção a isso foi o trabalho desenvolvido pela professora Ana Maria Bernardes, do Colégio Pedro II nos anos de 2016 e 2017, no Campus do Humaitá, zona sul do Rio de Janeiro. A professora conta que, uma vez por semana, no horário do almoço, alguns alunos fãs de Harry Potter se reuniam para discutir a já clássica saga de J. K. Rowling e escrever suas *fanfictions*. Em sala e no Laboratório de Informática, criaram não só as narrativas, como também a capa e a sinopse de cada uma delas, e as divulgaram na plataforma de autopublicação Wattpad.com usando pseudônimos (assunto sobre o qual será abordado mais adiante). Infelizmente, ela também revela que o projeto parou em 2018 por falta de interesse. Contudo não deixa de ser uma iniciativa promissora e interessante.

O advento digital cresceu consideravelmente nos últimos anos, e com o avanço tecnológico, mudanças visíveis para melhor facilidade de acesso aos usuários. Se antes para acessar as milhares de histórias tínhamos que ligar o computador, agora temos essas mesmas histórias na palma da mão, podendo carregar para qualquer lugar que quisermos, como se fosse um livro físico, com a diferença de ocupar bem menos espaço na bolsa ou mochila, através da forma em aplicativo dos sites de fanfics e histórias.

Com relação a faixa etária dos leitores/escritores que podemos encontrar, há uma variação muito grande, indicando que não há limite de idade, podendo qualquer um acessar e usufruir da história que mais lhe agrada. É evidente que os adolescentes são a maioria esmagadora de usuários. Porém também podemos encontrar jovens adultos e até mesmo crianças menores de treze anos, contrariando a regra de idade proposta nos sites. Isso também vai de encontro com afirmações

feitas por professores de que a prática da leitura está extinta, que as crianças e jovens de hoje não gostam mais de ler, que antigamente as pessoas liam mais, e pior: culpam a tecnologia por tal. É até certo que, de fato, isso pode sim tirar a atenção dos mais jovens da leitura, justamente pelo oferecimento de milhares de distrações que aparentam ser mais interessantes, contudo, não significa que simplesmente não leem mais, entretanto a forma com que o fazem não é mais igual a antes. Livros de papel são substituídos pela tela, e livrarias agora estão disponíveis a poucos toques. Qualquer pessoa pode criar sua própria história e compartilhar com milhares, e até milhões de pessoas, que por sua vez têm voz para darem suas opiniões e interajam direto com o autor de suas histórias favoritas. Além disso existem outros recursos que ajudam esse escritor nas suas produções, como por exemplo os *Beta readers*, que são os leitores beta, em tradução livre, que funcionam como “cobaias” de leitura, sendo os primeiros leitores e oferecendo dicas e feedbacks para ajudar o escritor a melhorar sua história, para melhor experiência dos futuros e verdadeiros leitores.

A principal motivação que leva um jovem a escrever uma fanfic é exercer sua liberdade de expressão, em que irá se colocar no lugar do autor, se apropriando da obra original, objetivando alterar algo que gostaria que fosse diferente, ou criando novas situações abordadas, ou ainda ir além da obra original, imaginando a história além da história que não foi abordada originalmente, como por exemplo os spin-offs. Também há os que levam mais a sério, e além do amor pela obra, são movidos também pela paixão ao próprio autor, podendo até mesmo adotar seus traços de escrita, como explica Louichon (2013 APUD Houdart-Merót, p. 111), assim como tratam suas escritas como se fossem publicadas por editora, caprichando na arte, ortografia, qualidade do texto e da trama em si, de modo a atrair o máximo de leitores sedentos por um livro digno de um profissional. Em ambos os casos, porém, é indispensável que haja conhecimento prévio sobre o que será escrito, independente da mídia abordada, para quem escreve é necessário saber pelo menos um pouco do universo de inspiração, pois só assim terá propriedade e conhecimento suficientes para escrever algo coerente.

As categorias são muitas, o que dá ao autor liberdade para discorrer seu enredo como lhe agrada. Eis as principais:

*Crossover*: é o movimento que mistura dois ou mais universos em um mesmo lugar, por exemplo: Sonic Crossover *My Hero Academia*<sup>3</sup>, que mistura o personagem de videogame Sonic, e o anime *My Hero Academy*.

Universo/Realidade alternativa: acontece quando apenas os personagens são utilizados em um universo completamente diferente do original, exemplo: Os sobreviventes<sup>4</sup>, em que os personagens principais são mais velhos, universitários e com poderes sobrenaturais.

*One-Shot*: *fanfic* de apenas um capítulo, por isso o nome (um tiro, em tradução livre). Exemplo: *The ghost of you*

*Yaoi/Yuri*: *fanfics* cujos casais principais são homossexuais ou lésbicos. Exemplos: Namorado quase perfeito<sup>6</sup> e *Stupid Wife*<sup>7</sup>.

Existem ainda muitas outras categorias e subcategorias, porém as aqui citadas são as mais populares e reconhecidas. *Fanfics* com milhares de favoritos e visualizações, indicando o quanto esse tipo de leitura atrai e conquista vários indivíduos diariamente. Portanto essa prática pode ser considerada um evento de letramento, uma vertente diretamente ligada com as práticas de letramento, e que envolve a interação direta e ativa dos indivíduos envolvidos, como define Heath (1992: 93), citado por Soares (2002): “Um evento de letramento é qualquer situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação” (p. 145). E a *fanfiction* proporciona justamente essa interação entre leitor e autor, trocando ideias e opiniões, característica presente nesse gênero.

Outro detalhe que merece ser ressaltado, envolve a polêmica que envolve a *fanfic*, que é a do plágio. Isso ocorre pelo fato de esse gênero basicamente ter a proposta de “copiar” histórias prontas e com apenas algumas adaptações serem publicadas de maneira original. Entretanto essa é uma conclusão equivocada e sem base alguma. Jenkins (1992); Lankshear y Knobel (2008) e Black (2008), conforme citados por Cassany (2010), irão levantar argumentos que derrubam essa ideia.

Ao “copiar algo da internet (texto, foto, desenho) o jovem tem que ter realizado algum tipo de busca, tem que ter encontrado diferentes respostas (talvez um número bastante elevado), tem que tê-las lido e

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.spiritfanfiction.com/historia/sonic-crossover-my-hero-academia-15181560>

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.spiritfanfiction.com/historia/os-sobreviventes-simbar-6888767>

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.spiritfanfiction.com/historia/the-ghost-of-you-9715594>

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.spiritfanfiction.com/historia/namorado-quase-perfeito-4710078>

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.spiritfanfiction.com/historia/stupid-wife-3331913>

entendido o significado, e tem que ter escolhido dentre várias opções a que mais lhe convém, de acordo com seus critérios, os quais implica que tem ideias concretas e certas sobre o que quer fazer; e b) ao “pegar” esse elemento em outro texto, o jovem o recontextualiza, o vincula com leitores, situações e interesses diferentes, o oferece a novos destinatários para criar novos sentidos e intenções, provavelmente diferente do que tinha em seu contexto inicial. Portanto, não se trata de operações mecânicas, sem dificuldade ou sem significado. Mesmo que o garoto não tenha consciência de todos esses processos, o fato de ele praticar um remix constitui algum tipo de “criação textual significativa” do ponto de vista dessas comunidades de leitores. (CASSANY p. 514 – minha tradução)

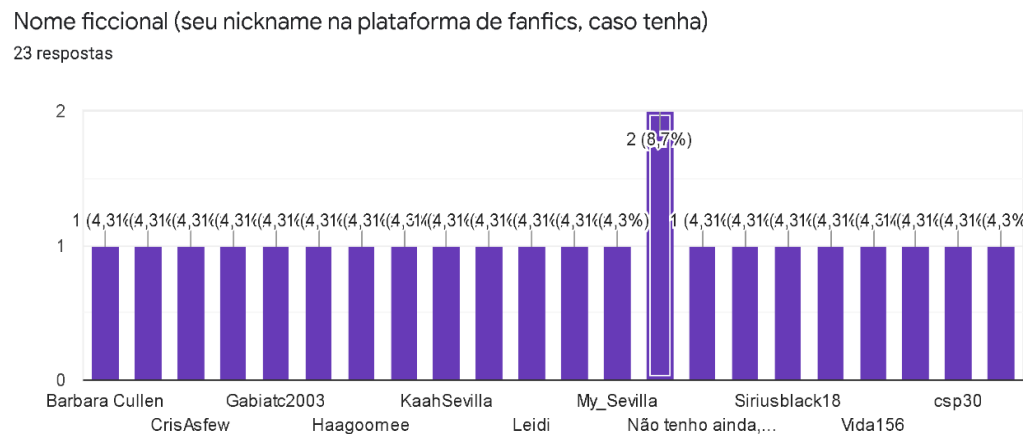
Nesse sentido, é desrespeitoso pensar e acusar um *ficwriter* (como são chamados os que escrevem fanfics) de ser um plagiador. Uma coisa é copiar e colar todo o conteúdo ou parte dele e se autoneamar o proprietário intelectual, outra bem diferente é, como um fã, pegar uma história da qual gosta muito e modificar com suas próprias ideias, onde todos que leem conhecem e sabem qual é a história original, sem fins lucrativos ou vender a obra inicial como se fosse sua, que é o significado do remix citado pelos autores acima. A fanfic é um sinal de liberdade, onde quem escreve se sente livre para expressar seus sentimentos e senso criativo sem se preocupar se vai ser julgado, avaliado ou pressionado a seguir normas e regras sem sentido, cujo fim é que apenas umas poucas pessoas seletas o leiam, apenas para dar uma nota ao final, sem usufruir ou aproveitar o que está sendo oferecido como leitura, o oposto do que acontece no universo da *fanfiction*, em que não há aquela preocupação excessiva de como escrever<sup>8</sup>, e os alvos de leitura são muito maiores e praticamente sem limites, assim como os “*feedbacks*” feitos de maneira muito mais tranquila e de maneira cooperativa.

Uma outra característica que merece ser ressaltada quanto ao gênero é o uso de pseudônimos por parte dos usuários. Não importa se é apenas leitor ou escritor, sempre haverá uso de algum *nickname* que os irão identificar de maneira única e autêntica, assim como ocorre com autores renomados, como por exemplo J.K Rowling, autora da saga de best-sellers Harry Potter, que foi obrigada a adotar apenas as iniciais de seu nome como um pseudônimo, para não ser reconhecida como mulher e evitar que o público masculino não se interessasse por seus livros, e anos depois, mesmo depois do sucesso estrondoso, novamente adotou um novo nome, Robert

---

<sup>8</sup> Ainda que haja raras exceções, e exista os recursos como os beta readers, que já foi mencionado anteriormente, ainda assim não se compara com a cobrança que esse mesmo escritor tem na escola, sendo sua liberdade criativa muito maior e menor pressão por uma escrita “perfeita”.

Galbraith, para publicar outra série de livros chamada *The Cuckoo's Calling* (ou “O chamado do Cuco”, no Brasil)<sup>9</sup>, como forma de escapar da cobrança por parte dos fãs do já aclamado bruxo, e ter a liberdade de tentar algo completamente novo do habitual. É óbvio que o caso da autora é bem diferente por se tratar de claro machismo (nos anos 90 com Harry Potter), e se esconder do mundo quando já se é famoso, como no segundo caso, enquanto que no mundo da fanfic trata-se apenas de diversão, de criar uma identidade própria, algumas vezes baseado no próprio nome de personagens ou ficções dos quais o usuário é fã e claramente irá demonstrar seus interesses de leitura, como podemos ver no gráfico a seguir, tirado de uma pesquisa feita com vinte e três pessoas que acessam sites de fanfics<sup>10</sup>:



(extraído de

<https://docs.google.com/forms/d/1pxH6u1C0Hkf1QqJ6QevDpWWCo1tPWGoVYOLzNFVXNfE/edit#responses>)

Como se pode perceber, em pelo menos quatro casos o *nickname* do entrevistado corresponde ao seu universo favorito: Barbara Cullen, cuja referência se dá ao sobrenome pertencente ao protagonista da saga Crepúsculo, KaahSevilla e My\_Sevilla, que usam o sobrenome da atriz que interpreta a protagonista da série do *Disney Channel* Sou Luna, e por fim o Siriusblack18, que se refere ao personagem de Harry Potter, padrinho do protagonista e membro dos Marotos, grupo à qual o pai de Potter fazia parte. Contudo, pode-se constatar também que outros Nicks não seguem essa lógica, e até mesmo há duas ocorrências de não terem sequer um. Isso indica que não existe uma lógica específica na hora de escolher seu apelido nos sites de

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.portugues.com.br/gramatica/diferencas-entre-heteronimo-pseudonimo.html>

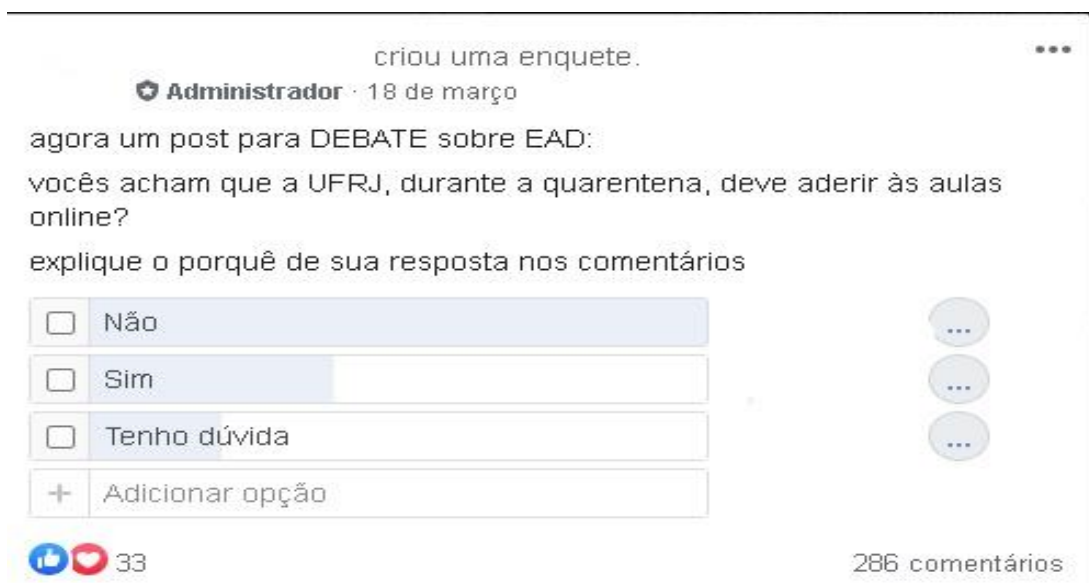
<sup>10</sup> Pesquisa realizada e elaborada por mim em julho de 2020.



*fanfiction*, a não ser da própria vontade de quem acessa e que pode ser baseado em seu próprio nome ou como já visto acima, em nomes de personagens.

Conforme visto, tanto as plataformas como o gênero em si conta com organizações e regras próprias, isso apenas estando em um ambiente informal e “descontrolado”, consegue ser ordenado mesmo assim, de forma que considerar que a fanfic é e deve ser respeitada como gênero, como estrutura já consolidada há tempos, e portanto tem a sua devida importância na formação do leitor e escritor, já que é muito provável que pra muitos essa seja a porta de entrada para o acesso à leitura e escrita prazerosas, mas ao mesmo tempo crítica.

O texto eletrônico abriu muitas portas que antes estavam fechadas, e permite que as pessoas tenham mais acessos e liberdades na hora de exercer seu direito de produzir, não sendo mais restrito a determinadas pessoas ou classes sociais. Contudo, ainda existem muitas pessoas que não possuem acesso à internet, ou quando a tem não é de qualidade. Isso se torna um problema, já que quando isso ocorre, esses indivíduos acabam por serem excluídos em muitos momentos, a exemplo do contexto social em que vivemos hoje, com o corona vírus, instituições de ensino se viram obrigadas a recorrerem a prática do EAD para que o ano não fosse perdido. Isso trouxe à tona uma questão ignorada há tempos: muitos alunos não dispunham de internet adequada, e ainda mais grave quando nem o possuíam. A página da faculdade de letras da UFRJ debateu, há alguns meses, ainda no começo da doença, se seria ou não viável recorrer a esse sistema, e o resultado foi esse:



(disponível em: <https://www.facebook.com/groups/972853012773834/> acesso em: 11/08/2020)

Como se pode ver, a maioria dos votos foi contra. Dentre as justificativas nos comentários, a maioria explicava que não tinha acesso à internet adequada, ou mesmo de dispositivos eletrônicos apropriados para assistirem as aulas de suas casas. Isso prova que, pelo menos no Brasil, ainda existem cidadãos que não podem aderir ao EAD por falta de estrutura. Isso preocupa sim, e deve ser levado em conta na hora de abordar um gênero digital em absoluto.

Ainda assim, os letramentos digitais são mais democráticos do que outras formas de produção literária historicamente usadas, como os livros físicos por exemplo, que custam dinheiro e nem todos têm condições de pagar. E podem ser bem aproveitadas, quando abordadas do jeito certo. E é o que será discutido a seguir, sobre o papel da escola no ensino e implementação dos letramentos digitais.

#### **4 LETRAMENTO DIGITAL E A ESCOLA**

Uma vez que concluímos que o letramento digital é um movimento puramente virtual, podemos avaliar o quanto esse é um movimento indispensável nos dias de hoje, pois o universo cibernético é de escala global (com algumas exceções, como mencionado anteriormente). Portanto dominá-la e acessá-la de maneira segura e eficiente é primordial. Aquino (2003, apud Glotz e Araújo), definem bem isso:

"letramento digital significa o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo [...] precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais". (p. 3)

Em uma pesquisa realizada em 2019, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), revelou que 70% da população brasileira usaram a internet de maneira regular em 2018. Apesar de estar abaixo da média de países mais desenvolvidos, que chegam a um mínimo de 80%, podemos nos considerar um país bastante conectado. E dessa porcentagem, a maioria está conectada no celular, os famosos smartphones. Portanto é inadmissível que com essa realidade que vivemos, ainda não ser abordado como deveria nas salas de aula. Em uma sociedade digital, pede-se letramento digital. Entretanto, como já abordado

anteriormente, ainda nos deparamos com a barreira da falta de acesso por parte da população. Afinal ainda existem os 30% que estão fora da contagem acima, e que não podem ser ignorados, fazendo o alerta para que providências sejam tomadas para mudar essa realidade.

A BNCC (base nacional comum curricular) já conta com vários gêneros e linguagens digitais em seu conteúdo como práticas a serem abordadas em sala de aula, incluindo as fanfics. E defendem com certo entusiasmo a notoriedade que tal gênero tem e o quanto pode ser eficiente a aproximação da escola com essa e outras práticas atuais. Esse gênero em especial é um divisor de águas no ensino de literatura, pois aborda uma realidade bem próxima aos jovens, já que se trata de algo contemporâneo, onde jovens convivem simultaneamente, em quase cem por cento dos casos com outros escritores/leitores da mesma idade. Isso gera uma identificação que nem sempre é possível quando se estuda sobre autores antigos, em uma época e quando não linguagem completamente diferente da usada na era atual.

Ao analisar as fanfics, todas elas partem de um princípio em comum: E se? Vemos aqui o jovem que, em parte usando seu senso crítico, tem a necessidade de querer modificar a história que lê, ou mesmo de imaginar uma história inédita a partir de pessoas ao seu redor, ou pessoas famosas, mistura a leitura e escrita em um mesmo espaço. Pois a fanfic depende de algo pré-existente para gerar outra ainda inexistente. Essa é a graça desse gênero, pois propicia uma liberdade imaginativa ilimitada, que não segue necessariamente uma regra definida, apenas citada anteriormente, de se basear em outra história ou pessoas existentes. O jovem pode levar a sua trama para onde quiser, escrever e estruturar também da maneira que preferir. Isso aponta para um detalhe bastante pertinente: Por que ensinar sobre algo que é tão familiar e parte consolidada do cotidiano de crianças e adolescentes? A justificativa é explicada em seguida:

Ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na Web. A contrapartida do fato de que todos podem postar quase tudo é que os critérios editoriais e seleção do que é adequado, bom, fidedigno não estão “garantidos” de início. Passamos a depender de curadores ou de uma curadoria própria, que supõe o desenvolvimento de diferentes habilidades. (p. 70)

É por isso que a escola é tão importante, pois acaba servindo como mediadora entre o aluno e o que ele consome. Pois não basta o aluno conhecer e utilizar, também

precisa fazê-lo de forma crítica, reflexiva e coerente. Isso já ocorre com outros gêneros literários, como o romance e a distopia por exemplo, então por que não com a *fanfiction*? Ao considerar que a maior parte do público tem acesso à internet, é possível acessar e postar sobre qualquer coisa, sem nenhum tipo de filtro ou fiscalização, mesmo quando o site diz ter, porém com o fluxo quase que infinito de histórias criadas e publicadas todos os dias torna inviável essa filtragem perfeita, de forma que por mais que exista o aviso de classificação etária de determinada história para +18 por exemplo, nada impede que menores de idade facilmente acessem e leiam esse tipo de conteúdo. E mesmo quando o enredo é de classificação livre, precisa haver uma reflexão sobre o que esse jovem leitor está consumindo nessa vasta rede chamada internet. Sem contar a coesão e coerência, que são importantíssimas para a compreensão clara e eficaz por quem irá ler, contudo por vezes é possível encontrar histórias em que faltam um ou os dois itens, gerando confusão por parte de quem irá ler, e acaba por prejudicar a seriedade da *fanfiction*, que acaba sofrendo com escárnio e ridicularização tanto de quem está de fora, quanto dentro do próprio universo.

Ainda assim, não podemos mais ignorar o fato de que a fanfic é sim um gênero literário, com características próprias e que deve ser considerado como tal, assim como aconteceu com as HQ's (histórias em quadrinhos) / gibis nos anos 80.

Professores devem se atualizar e compreender esse universo, absorver e se apropriar disso, para que não se torne um “excluído digital”, como chamam Verônica Danieli Lima Araújo e Raquel Elza Oliveira Glotz, autoras do artigo “O letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: Desafios atuais”, da Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). Elas afirmam que:

(...) da mesma forma que os contextos que o precederam, exige um perfil específico de indivíduo, no caso em questão, um indivíduo que seja capaz de viver inclusivamente nesta nova configuração social. Quem não puder acompanhar o ritmo dessas mudanças e tomar parte nelas poderá ficar à margem dessa sociedade. [...] Quando a pessoa não possui o domínio, ainda que mínimo, dos conhecimentos que são necessários para que possa interagir em sociedade a partir do emprego das TIC's, o não-domínio das mesmas torna-se, em algumas situações, um fator de exclusão. A nossa atualidade exige que, além do domínio do ler e escrever, sejamos também letrados digitais. (2009, p. 3)

Quando o profissional se recusa a acompanhar a evolução da sociedade, ele tende a ficar completamente para trás, e seu ensino torna-se excludente, culminando no desencontro entre a leitura que a escola quer e a leitura livre — fora da escola — (Sheffel 2020). A expectativa exacerbada de que o aluno enalteça apenas as obras clássicas e já sacralizadas em nossos dias, transforma-se em total frustração ao constatar que não surte o efeito esperado, e o aluno demonstra o famoso desinteresse e irreverência, formando uma rachadura irreparável nessa relação professor- aluno. Claro que isso não significa que não se pode mais ensinar sobre esse tipo de literatura, pelo contrário, é crucial que o aluno também saiba sobre os grandes clássicos da literatura, já que é bem provável que ele não tenha acesso a esse conteúdo fora da sala de aula, e também é necessário que conheça autores e histórias do passado. Todavia é preciso fazer a mescla com as obras contemporâneas, que são tão valiosos quanto. E considerando o quanto a fanfic é muito mais que apenas escrever em cima de algo já criado, é também a oportunidade de ser livre pra aprimorar ainda mais suas sagas preferidas, acrescentando ou mesmo criando outros enredos que não tenham sido citados no original. Maria Teresa Andruetto, no livro chamado *A leitura, outra revolução* (2017), reúne um conjunto de palestras e conferências ministradas nos anos 2000, discorre sobre a leitura infanto-juvenil, sua importância e como equilibrar o dueto escola-casa. Ela admite que sua preocupação era justamente que a escola comprometesse a pureza e o prazer da leitura, culminando justamente na máxima tão conhecida por nós: o jovem de hoje não sabe/gosta de ler.

Qual era a nossa maior preocupação com respeito a escola? Em que consistia nosso medo? Em algo que hoje se chamaria complexo da pureza. Considerávamos que o lugar privilegiado da literatura era o do lazer e, portanto, ela não cabia numa instituição marcada pelo dever; mas esquecíamos que, para que esse lazer ligado a leitura estivesse presente, devíamos construir leitores, e se isso não acontecia (por múltiplas razões) na casa de uma criança, a escola era sua única oportunidade. (2000 n.p)

O ato de escrever deveria representar um ato de liberdade, onde o sujeito pode se expressar livremente, para se comunicar com alguém conhecido ou não, com o objetivo de se aproximar de um grupo. E o papel da escola é a de possibilitar que seus estudantes sejam capazes de permear não só por uma, e sim por várias práticas sociais, como vai afirmar Rojo:

Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática. Para fazê-lo, é preciso que a

educação linguística leve em conta hoje, de maneira ética e democrática: os multiletramentos ou letramentos múltiplos, os letramentos multisemióticos e os letramentos críticos e protagonistas requeridos. (p. 107)

Por outro lado, não há necessidade de que a escola interfira em um conhecimento que a criança e adolescente já conhecem muito bem. O que talvez seja necessário, é que a própria instituição de ensino passe a olhar a cultura de escrita do seu aluno como válida e útil no ensino de língua portuguesa, já que para muitos, a escola talvez seja o único espaço de leitura possível e disponível. Reconhecer que existem múltiplos letramentos e que todos devem ser considerados para um melhor ensino de língua portuguesa e literatura em sala de aula é o primeiro passo para promover melhor interação dos estudantes e professores. É óbvio que hoje em dia esse reconhecimento é bem maior que há cinco, dez anos atrás, porém ainda está longe do ideal. Rojo endossa isso no trecho:

Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática. Para fazê-lo, é preciso que a educação linguística leve em conta hoje, de maneira ética e democrática: os multiletramentos ou letramentos múltiplos (...), os letramentos multisemióticos (...) e os letramentos críticos e protagonistas requeridos. (p. 107)

E a melhor forma de ocorrer essa aproximação natural entre aluno e livro, é justamente disponibilizar opções e múltiplas leituras, incluindo os letramentos digitais, mostrando a esse jovem um outro lado da literatura, que não se restringe apenas a papel e leituras antigas, mas também as práticas contemporâneas, em que ainda existem autores vivendo em nossos dias que também tem muito a acrescentar nos nossos dias, assim como esses estudantes atuais são plenamente capazes de usufruir e produzirem suas próprias histórias, assim como Andruetto bem conclui: “O que sabemos hoje é que, se a escola favorece encontros com livros, construirá leitores que possam desfrutar dos livros em momentos de lazer e também em outras situações da vida nas quais um livro é querido e necessário.”

## 5 CONCLUSÃO

Espaços de leitura e escrita são essenciais na formação do jovem leitor e escritor, pois é onde ele irá se conectar e se familiarizar com uma realidade muitas vezes nova, provavelmente por não ter o incentivo necessário em casa, ou falta de condições financeiras. E o espaço digital é o que torna acessível (ainda que não o ideal), o acesso a esses recursos tão fundamentais na escola e no ensino de literatura. Além de claro, já ser um processo natural para essa criança/adolescente. Chartier (1945, 1994: 100,101) considera o texto na tela uma “revolução do espaço da escrita que altera fundamentalmente a relação do leitor com o texto, as maneiras de ler, os processos cognitivos”:

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais. (p. 152)

Se em 1994 já se tinha essa noção do quão espetacular poderia ser o uso dos meios eletrônicos como porta de entrada para um universo completamente novo e infinito, por eu é que em pleno 2020, quase trinta anos depois, ainda é tão mal aproveitada?

É preciso criar um olhar de carinho e afeto com as novas tecnologias, em que elas não são inimigas da educação, mas sim aliadas. A internet faz parte dos nossos dias, e ignorar ou criticar apenas ajuda a disseminar a ignorância e o preconceito, de uma sociedade que ainda acredita que a tecnologia não tem nada de útil para oferecer, que é apenas um meio de entretenimento e só, que jamais deve ser misturado ou sequer mencionado em um ambiente formal como a escola, pois é o motivo de distrações e desinteresse dos alunos. Contudo depois do que foi discutido, sobre a *fanfiction* e o quanto é popular e conta com uma infinidade de leitores reais e verdadeiramente interessados no gênero, só prova que talvez o problema não seja exatamente a tecnologia em si, e sim um equilíbrio entre o formal e o “informal”, o dominante e o vernacular.

Assim se encerra essa discussão, que ainda tem muito mais vieses para nos aprofundarmos, mas que não caberia nessa monografia, porém fica a reflexão e o desafio proposto de como podemos fazer, como futuros docentes e mesmo os que já tem carreira sólida no magistério, em buscarmos equilibrar essa balança entre livro e tela, e em como não se perder em um velho pensamento imposto como verdadeiro e imutável, e encontrar formas de tornar o ensino mais tangível, e incluir os letramentos digitais nessa realidade, de forma a remixar, recontextualizar e ressignificar, como reafirma Cassany (2010), que para avançar para um nível mais “complexo”, que essas crianças e adolescentes ainda não sabem (as consideradas mais oficiais, reconhecidas e completas), é preciso primeiro partir do que eles já sabem, de forma que o ensino apenas evolua, e não o contrário.



## 6 BIBLIOGRAFIA

**ANDRUETTO, Maria Teresa.** A leitura, outra revolução. Edições Sesc São Paulo. 2017, 168 p. 16 x 23 x 1,0 cm. 287g.

**ARAÚJO, Verônica Danieli Lima; GLOTZ, Raquel Elza Oliveira.** O Letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, número 1, jun.2009. Disponível em: <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>. Acesso em: 28/05/2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf)>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

**BRITTO, Luiz Percival Leme.** Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 2, 30 jul. 2012.

**CASSANY, Daniel.** “Leer y escribir literatura al margen de la ley”, en CILELIJ [I Congreso Iberoamericano de Lengua y Literatura Infantil y Juvenil]. Actas y memoria del Congreso. Madrid: Fundación SM / Ministerio de Cultura de España. 2010. p. 497-514. ISBN: 84-352-40516578. DL: M-42390-2010.

**Chartier, Roger, 1945.** A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes — [São Paulo]: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, {1998}. 16 0p: il. - (coleção: prismas)

**COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa.** Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011. Acesso em: 25 mai.2020

**LAVADO, Thiago.** Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada. G1.globo.com, Rio de Janeiro, 28. ago. 2019. Economia e Tecnologia. Acesso em: 15 mai. 2020.

**Leitura subjetiva e ensino de literatura.** Organização Annie Rouxel; Gérard Langlade; Neide Resende; São Paulo: Alameda, 2013.

**RIO GRANDE DO SUL.** Câmara dos deputados. PROJETO DE LEI N.º 2.246-A, DE 2007. Às comissões de: educação e cultura e constituição e justiça e de cidadania (ART.54RICD). Disponível em:

[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=517286#:~:text=Art.,na s%20escolas%20p%C3%BAblicas%20no%20Pa%C3%ADs](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286#:~:text=Art.,na s%20escolas%20p%C3%BAblicas%20no%20Pa%C3%ADs.). <<Acesso em 02 jun. 2020.>>

**Rojo, Roxane.** Letramentos múltiplos, escola e inclusão social / Roxane Rojo – São Paulo : Parábola Editorial, 2009.

**Scheffel, Marcos; Barbosa, Luiz Guilherme.** Práticas de leitura no Skoob: possíveis implicações para o ensino de literatura na escola. No prelo (2020).

**Soares, M.** NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: LETRAMENTO NA CIBERCULTURA. 23 (81), 143-160, Educação Social - Educ. Soc., dezembro de 2002.